



Assimetria interacional e metadiscorso: Uma análise em entrevistas

Interactive asymmetry and metadiscourse: an analysis in interviews

Solange de Carvalho FORTILLI¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é mostrar que a assimetria entre os falantes em uma situação de entrevista, especificamente, com fins de coleta de dados linguísticos, pode ser evidenciada por meio de expressões metadiscursivas. O metadiscorso ocorre quando os objetos-de-discorso evidenciam no texto a atividade enunciativa, focalizando a “mise-en-scène” da interação (JUBRAN, 2003). A relação assimétrica instituída em situações de entrevista é gerada pelo fato de os falantes não se comportarem como interlocutores naturais, mas como Informante e Documentador, sendo que a forma como eles lidam com essa relação e com seus papéis sociocomunicativos tipificam o texto. O universo da investigação consiste no banco de dados Iboruna, que contempla amostras de fala do interior do estado de São Paulo. Na ocasião da coleta desses dados, instaurou-se uma situação comunicativa muito peculiar, pois, ao mesmo tempo em que devia ser muito próxima da conversação, havia uma preparação prévia, que incluía o acordo sobre tipos de texto, temas e duração de fala, contratos que surgem no texto em forma de metadiscorso.

152

PALAVRAS-CHAVE: Metadiscorso. Assimetria interacional. Entrevista sociolinguística.

ABSTRACT: This paper aims to show that the asymmetry between the speakers in interview situation for the purpose of collecting linguistic data can be evidenced by metadiscursive expressions. Metadiscourse occurs when speech-objects evidence the enunciative activity in the text, focusing on the "mise-en-scène" of the interaction (JUBRAN, 2003). The asymmetric relationship in interview is produced by the speakers do not behave as natural interlocutors, but as Informant and Researcher, and how they deal with this relationship and their communication roles typify the text. The research universe consists of the Iboruna database, which includes speech samples from the interior of the state of São Paulo. On that occasion a very peculiar communicative situation was established, since, at the same time as it should be a very close conversation, there was a prior preparation, which included agreement on types of text, themes and duration of speech. These contracts appear in the text in the form of metadiscourse.

KEYWORDS: Metadiscourse. Interactional asymmetry. Sociolinguistic interview.

Apresentação

Com as ideias de Jakobson (1969) sobre metalinguagem, a auto-reflexividade passou a ser concebida como uma propriedade fundamental da língua, o que motivou diferentes abordagens para a função e também uma diversidade de denominações: metalinguística,

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Três Lagoas- MS. Brasil. CEP: 79600-080. E-mail: fortilli@yahoo.com.br



metacomunicação, metalinguagem, metaenunciação, metadiscursividade. Essa última pode ser definida como “um discurso centrado sobre o código, mas o código tomado em sentido amplo, remetendo tanto à estrutura da língua enquanto sistema, quanto à sua ativação em situação de comunicação”, noção inaugurada no trabalho de Borillo (1985).

Neste trabalho, assumimos que a metadiscursividade é um procedimento caracterizado pela instituição do próprio discurso como objeto-de-discurso. É dentro da Perspectiva Textual-Interativa (JUBRAN, 2006), mais especificamente, nos estudos sobre referenciação, que o metadiscorso ganha esse enfoque, que explica a ativação no texto de referentes denotadores da própria situação comunicativa. Essa situação comunicativa, por sua vez, é instituída de acordo com determinadas condições sócio-culturais, já que a linguagem é tomada como um instrumento de interação social.

O texto, matéria dessa interação, é visto pela Perspectiva Textual-Interativa em sua dimensão interacional, tendo como base a pragmática, a qual considera a língua como uma forma específica de comunicação social, o que implica estudá-la em situações comunicativas de uma sociedade em conjunto com outras práticas não linguísticas. Nesse sentido, o texto é considerado não como produto estante de uma interlocução, mas como processo dinâmico sujeito a fatores interacionais.

A Perspectiva Textual-Interativa, debruçando-se sobre o texto falado, dá-lhe um tratamento que integra sua estrutura com os processos formulativo-interacionais ativados em sua produção. No processo de constituição textual, ocorrem sistematicidades e regularidades cujas marcas emergem na superfície do texto e evidenciam o processamento linguístico, pois, dada a sua natureza, coincidem planejamento e execução. Nesse contexto, consideramos as manifestações metadiscursivas como um dos aspectos de formulação estampados no texto.

A entrevista, apesar de ser um texto constituído por meio da língua falada, conjuga traços próprios dessa modalidade, como a presença dos interlocutores em um mesmo espaço de tempo e a alternância de turnos, com aspectos atípicos para as interações dialogadas, como o planejamento conversacional e a delimitação do direito ao turno. Da relação entre esses traços, emergem enunciados metadiscursivos com a peculiaridade de abordar, de certa maneira, essa tensão entre o momentâneo e o premeditado, entre a liberdade na condução da conversa e os pontos específicos a serem nela atendidos, ora deixando mais velada essa competição, ora mostrando-a na superfície textual.

A forma como os falantes lidam com essa relação e com seus papéis comunicativamente institucionalizados é que será objeto de nossa análise, o que exige que explanemos, dentre outros aspectos teóricos, as bases da Perspectiva Textual-interativa, tarefa cumprida na primeira seção. Além disso, o objeto impõe-nos a compreensão do fenômeno do metadiscorso, como expomos na seção 2, e as particularidades das entrevistas, de modo geral, e das entrevistas de coleta de dados linguísticos, exploradas na terceira parte. A última seção é destinada às análises propiciadas pela interação entre as bases teóricas e os dados, selecionados no Banco de Dados Sociolinguísticos Iboruna.

A Perspectiva Textual-Interativa

A Perspectiva Textual-Interativa é uma proposta teórica que toma o texto como objeto de análise, entendendo-o como produto da interação social que se estabelece por meio da linguagem verbal. Assim, a linguagem é observada “como uma forma de ação, uma



atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias de enunciação”. (JUBRAN, 2006, p. 28)

A Perspectiva Textual-Interativa não toma o texto como objeto acabado e homogêneo, mas como processo cujo planejamento, verbalização e construção estão relacionados a uma situação comunicativa estabelecida de acordo com determinadas condições interacionais e sociais. Tal concepção permite que sejam analisados textos em que coincidem os momentos de planejamento e execução- os textos falados- ao contrário de outras correntes da linguística textual que privilegiam os textos escritos.

A Perspectiva Textual-Interativa tem interesse na construção do texto, já que seu processamento, ao conjugar a estrutura da língua à dinâmica da atividade discursiva, evidencia marcas de elaboração estreitamente ligadas a fatores presentes na situação concreta de comunicação. Essas marcas do processamento do texto apresentam-se com regularidades estruturais e funcionais, detectadas pela observação de recorrências de certas estruturas revestidas de certas funções. Assim, a sistematicidade de determinados procedimentos de formulação do texto colabora para que sejam consideradas como pistas do processo cognitivo-interacional de construção do mesmo.

Essa abordagem toma como unidade de análise o tópico discursivo, já que “ao longo de um evento comunicativo, os interlocutores centram sua atenção sobre determinados temas, que se constituem como foco da interação verbal” (JUBRAN, 2006, p. 32). Ao interagirem, os falantes procuram manter a conversa em torno de um conjunto de objetos-de-discurso comum, estabelecendo conjuntamente um ponto para onde a conversa converge. Isso faz com que se instaurem segmentos textuais mais amplos do que o turno, centrados em um tópico proeminente (JUBRAN, 2006, p. 33).

Uma das atividades de formulação textual de maior relevância para a Perspectiva Textual-Interativa é a referência, base para a compreensão do metadiscurso². Coerente com a noção de texto, aquilo que se entende por referente não se alinha à idéia de designação apriorística das entidades do mundo via linguagem. Ao contrário, considera-se que as entidades designadas são objeto-de-discurso ao invés de objetos-de-mundo, no sentido de que se constroem por meio das interações, “das práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas” (MONDADA; DUBOIS, 2003). Conceber dessa maneira os referentes atualizados no discurso implica considerar a “instabilidade constitutiva” (idem) dos objetos-de-discurso, enxergando-os como dados não prontos que são apreendidos e reelaborados pelos falantes via interação. Mais do que isso, essa visão sobre os objetos-de-discurso exige que se fale não em referentes, mas em referência, a fim de tornar claro que o ato de referir traz em si um processo, já que “as opções lexicais se reconstróem e se amoldam ao que está sendo negociado entre os interlocutores, dependendo de seus propósitos enunciativos” (CAVALCANTE, 2003, p. 10)

Marcuschi e Koch (2006) observam que compreender dessa maneira a referência não significa atribuir à individualidade do falante a reelaboração dos objetos-de-discurso: esta deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais sociais e históricas e pelas condições advindas do uso da língua em uma determinada situação.

² Detalhamentos sobre o processo de referência não serão abordados neste trabalho.



Autores que trabalham com essa perspectiva, como Jubran (2005a, 2005b, 2008), esclarecem o mecanismo da referenciação metadiscursiva, que ocorre quando os objetos-de-discurso instaurados no texto dizem respeito ao próprio discurso que se desenrola. As questões que envolvem o metadiscurso são abordadas da próxima seção.

O metadiscurso

A ideia de metalinguagem, primeiramente definida por Jakobson (1963), refere-se aos casos em que a língua exerce reflexividade sobre si mesma, ou seja, quando o código é o tema da mensagem ou é utilizado para explicar o próprio código. O autor destacou o fato de que a metalinguagem não está presente apenas nos casos em que se elaboram informações sobre a própria linguagem, mas na fala cotidiana também, em expressões como *Não estou compreendendo – o que quer dizer?, Que é que dizes?, Entende o que quero dizer?*

Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, houve várias abordagens e várias denominações para os enunciados metadiscursivos. Dentre elas, para compor nossa compreensão sobre o fenômeno, destacaremos as idéias de Borillo (1985) Risso e Jubran (1998) e Jubran (2008, 2005a, 2005b).

Borillo (1985) define-o como “um discurso centrado sobre o código, mas o código tomado em sentido amplo, remetendo tanto à estrutura da língua enquanto sistema quanto à sua ativação em situação de comunicação” (p.49). No trabalho desse autor, destaca-se uma considerável ampliação da abrangência dos usos contemplados pelo conceito de metadiscurso, já que se inserem também sob esse rótulo as referências às condições enunciativas do discurso, aos propósitos e às estratégias do locutor.

Considerando o metadiscurso como “discurso e glosa sobre o discurso”, o autor subdivide suas modalidades de manifestação em três categorias, em uma tentativa de correlacionar as formas de manifestação a determinadas funções por elas cumpridas. Tem-se assim, três tipos de práticas metadiscursivas: a) a que faz referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração do texto; b) a que se refere ao discurso como fato enunciativo, para explicitar algumas de suas condições, ligadas à gestão do diálogo, tendo em vista sua inteligibilidade; c) a que se refere ao discurso como construção de enunciados, para explicitar seu desenvolvimento, sua estratégia e organização argumentativa. A proposta de Borillo vem a evidenciar que, embora contempladas pelo rótulo de metadiscurso, as estratégias envolvidas podem se prestar ao enfoque deste ou daquele aspecto textual, e serve como ponto de partida para vários trabalhos que especificam mais traços do fenômeno.

Em Risso e Jubran (1998, p. 2) há a idéia de que o traço básico da metadiscursividade é “a autorreflexividade do discurso: este se elabora focalizando-se a si mesmo, pela conjunção do que é dito com o ato de dizer”. As autoras assinalam que devido à propriedade de autorreferenciação, o metadiscurso entra, na composição do texto, em pauta diferenciada da estrutura informacional. Da mesma maneira que há no texto proposições tópicas, responsáveis pelo desenvolvimento do tópico discursivo, há segmentos exteriores a elas que, paralelamente, versam sobre a própria atividade enunciativa.

Risso e Jubran (1998) observam que a passagem da pauta das proposições tópicas à pauta do metadiscurso é sempre marcada. “Nessa sinalização entram procedimentos verbais de natureza e níveis variados, indo de fatos prosódicos a construções referenciadoras de processo linguístico-textual-iterativo.” (p. 04). Já nos trabalhos de Jubran (2005a, 2005b,



2008), também se considera a referenciação, vista não como uma representação dos objetos do mundo operada por meio da língua, mas como um processo em que os referentes, ou objetos-de-discurso, “são elaborados pelos sujeitos em um processo dinâmico e intersubjetivo, ancorado em práticas discursivas e cognitivas situadas social e culturalmente, bem como em negociações que se estabelecem no âmbito das relações interacionais”. (JUBRAN, 2005b, p. 219)

Com base na compreensão dos referentes como constructos socioculturais fundados em práticas sociais, Jubran (2003, 2008) analisa a existência de dois tipos de referenciação dentro do texto: a tópica e a metadiscursiva. A referenciação tópica engloba os objetos-de-discurso que constituem entidades do universo discursivo sobre o qual se fala, promovendo a progressão referencial do texto por meio do desenvolvimento dos tópicos baseado no uso de referentes a eles concernentes. Já na referenciação metadiscursiva, os objetos-de-discurso têm a característica de evidenciar no texto a atividade enunciativa em curso, focalizando a “mise-en-scène” do discurso.

Em Jubran (2005a) encontramos mais esclarecimentos sobre essas duas formas de referenciação, as quais não se confundem porque a referenciação tópica conta com elementos que cumprem a chamada função ideacional, já que trazem para o texto objetos-de-discurso que fazem progredir o tópico discursivo em pauta, ao passo que a referenciação metadiscursiva faz emergir no texto referentes ligados à própria atividade comunicativa, alocada em determinada situação concreta de comunicação.

A partir dessas considerações, Jubran (2005b) aponta cinco modalidades de expressões metadiscursivas, observadas em textos falados:

- a) referências à elaboração do texto, no que diz respeito à sua formulação linguística;
- b) referências à estruturação tópica do texto, em termos de montagem e progressão textual;
- c) referências às instâncias co-produtoras do texto (locutor e interlocutor), que se marcam no texto a fim de estabelecer condições dialógicas para assegurar o intercâmbio verbal;
- d) referências aos papéis discursivos assumidos pelos interlocutores na dinâmica da interação verbal;
- e) referências ao próprio ato comunicativo em processo, quanto às suas contingências de realização.

Nessa pesquisa, não selecionaremos segmentos como *entendeu?*, *né?*, *sabe?*, os quais, em alguns estudos, são também vistos como metadiscursos. Entendemos que tais partículas configuram-se como Marcadores Discursivos, que exigiriam um trabalho que levasse em conta as especificidades dessa última classe.

Ressaltaremos, então, ocorrências ligadas aos *papéis discursivos assumidos pelos interlocutores na interação verbal*. Porém, como processo em negociação constante, a elaboração do texto permite que, em alguns momentos, os papéis “estabelecidos” para cada um dos interlocutores se mesquem. Esse é mais um aspecto do sutil equilíbrio que tem lugar dentro do texto: entrevistador e entrevistado podem, até certo ponto, alternar momentos de condução da entrevista, dinâmica que será apontada na análise.

A entrevista e o subgênero “entrevista para coleta de dados linguísticos”



Barros (1991) investiga os papéis destinados aos interactantes de uma entrevista, destacando que o entrevistador é o sujeito que quer saber e que, para obter determinados conhecimentos, deve levar o entrevistado a falar. Além disso, “o entrevistador escolhe o tópico e a direção da conversação: quando ou como parar, a distribuição dos turnos e assim por diante” (p.257). Já o entrevistado geralmente conserva o turno por mais tempo, pois é a ele que se quer ouvir. Essas formas marcadas de atuação fazem com que a entrevista seja uma interação assimétrica, pois os papéis dos participantes, apesar de estarem na mesma situação comunicativa, são fixos e muito distintos entre si.

Para melhor compreendermos aquilo que chamamos de assimetria na interação, trazemos as idéias de Marcuschi (1991) que mostra que, ao contrário dos diálogos simétricos, encontrados nas conversas diárias e naturais, as entrevistas são consideradas assimétricas porque um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação, além de exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s).

Nas entrevistas, os participantes possuem um papel discursivo caracterizado por um conjunto de deveres e direitos comunicativos e um papel social, reconhecidos quando ambos se mostram de acordo com as peculiaridades das posições assumidas. De posse desses papéis interacionais, os participantes vão construindo os sentidos do texto, em um sistema que leva em conta normas conversacionais e sociais partilhadas, negociações e concessões de diversas naturezas. Para Fávero e Andrade (1999), “durante as entrevistas, os participantes não apenas expressam suas idéias e opiniões, trocam informações, mas também- ao cumprir seus papéis- constroem juntos o texto, buscando atuar sobre o outro e sobre a audiência.”

As características básicas das entrevistas desdobram-se em outras, dividindo-as em modalidades. Há entrevistas jornalísticas, de trabalho, científicas etc. Interessam-nos, nesse trabalho, as entrevistas científicas para fins de pesquisa linguística, nas quais os entrevistadores, ou documentadores, não estão preocupados com as informações que o entrevistado tem a dar sobre o tema em questão, mas apenas em fazer com que o informante fale, ou seja, importa mais *como* o participante fala do que o conteúdo por ele enunciado. O objetivo desse tipo de entrevista é estabelecer “uma conversa, a mais informal possível” (SILVA, 2007, p. 125), por isso espera-se que apenas o entrevistador saiba exatamente que o ponto a ser observado é a língua, pois é desejável que “o informante não preste atenção a sua maneira de falar” (TARALLO, 2003, p. 21)

Para que sejam coletados e gravados os dados dentro de uma comunidade, em alguns casos, cabe ao documentador-pesquisador inserir-se em comunidades nas quais sua presença não é corriqueira, assim como não o é a presença de sua maneira de falar e suas ferramentas: o microfone e o gravador.

Considerando que o grau de aproximação/distanciamento entre os interactantes é significativo para a situação comunicativa, podemos entender que o estabelecimento de um contato entre pesquisador e seu informante específico e o travamento da comunicação entre eles são aspectos que particularizam a interação que daí se origina, pois, ao mesmo tempo em que deve ser próxima à interação face-a-face espontânea, há a influência da presença do pesquisador e de seu papel social, ainda que se reconheça a necessidade de amenizá-la, como se vê abaixo:

O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da



situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja qual for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. (TARALLO, 2003, p. 21)

Há algumas estratégias que costumam ser aplicadas para minimizar os efeitos da não naturalidade da situação de fala sobre o vernáculo. Dentre elas, destaca-se a elaboração de um roteiro de entrevista dirigida para determinados temas com os quais o falante se envolva e esqueça-se de que está sendo gravado. No caso das interações simétricas, os participantes têm supostamente o mesmo direito à escolha do tema e ao encaminhamento da conversa.

Como forma de resumir e sistematizar as características das entrevistas para pesquisa linguística, trazemos as ideias de Urbano (1988, p. 7):

- 1) planejamento conversacional, característico das entrevistas, por parte do documentador, e presença de gravador, circunstâncias que criam certo formalismo, com reflexos na linguagem;
- 2) relacionamento assimétrico entre os participantes, com a interação orientada pelo documentador. Este, muitas vezes, procura quebrar esse formalismo, tentando facilitar um diálogo interativo e uma fala natural do entrevistado. Mesmo assim, fica difícil reconhecer nessas entrevistas dois interlocutores que se alternam regular e espontaneamente, como devia ocorrer numa estrutura realmente dialógica;
- 3) intersubjetividade ou intercâmbio esporádico (perguntas raras e breves do documentador, com longos turnos do informante, que representam respostas, porém, descaracterizadas como tais);
- 4) tensão coloquial fraca – principalmente afetiva – por falta de dinamismo na interação e interlocução;
- 5) estrutura dialógica frequentemente alterada para uma estrutura monológica de caráter descritivo, dissertativo e, principalmente, narrativo, frequentemente, com estruturas sintáticas completas.

O Banco de dados Iboruna

Os dados analisados foram coletados no Banco de Dados Iboruna, constituído dentro do projeto Alip (Amostra Linguística do interior paulista). Optamos por realizar pesquisa baseada em *corpos* devido à natureza de nosso trabalho, a qual nos impõe a descrição da língua em uso real, já que temos a preocupação de fornecer evidências da heterogeneidade inerente da linguagem, o que só é possível quando se utiliza um *corpus* mais fiel ao que ocorre nas situações comunicativas.

O banco de dados Iboruna tem como objetivo fornecer dados para trabalhos de descrição do português brasileiro, na sua variedade falada no interior do Estado de São Paulo. Sediado na UNESP de São José do Rio Preto, o Projeto ALIP coloca o seu banco de dados à disposição dos interessados³ na descrição linguística feita a partir de manifestações reais da linguagem inserida no contexto social. (GONÇALVES, 2008).

³ O banco de dados está disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>.



O banco foi organizado com amostras de fala da região Noroeste do Estado de São Paulo, mais especificamente, dos municípios de Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto.

Trata-se de dados coletados segundo os preceitos da Sociolinguística Variacionista, por meio de gravações de entrevistas, posteriormente, transcritas. Os informantes das Amostras Censo (AC) foram selecionados a partir do cruzamento de quatro variáveis sociais, a saber: (i) sexo/gênero; (ii) faixa etária; (iii) nível de escolaridade e (iv) renda familiar, proporcionalmente distribuídos. Havia também as Amostras de Interação (AI), gravadas secretamente, sem controle de variáveis.

Explicitados os perfis dos entrevistados do banco de dados sociolinguísticos Iboruna, vale mencionar que os entrevistadores eram acadêmicos do curso de Letras, da Universidade Estadual Paulista, câmpus de São José do Rio Preto.

Olhar para nosso objeto de análise tendo em mente características sobre os papéis sociais e discursivos dos participantes da entrevista faz-nos levantar a hipótese de que a relação entre esses traços dá origem a uma situação de fala bastante particular, a qual favorece enunciados metadiscursivos, pois há muitos elementos interacionais a serem negociados na situação que se coloca.

Assimetria interacional marcada por enunciados metadiscursivos em entrevistas do Iboruna

Os casos de expressões metadiscursivas selecionados vêm com indicação, entre parênteses, do número da Amostra Censo e da linha onde se detecta a ocorrência⁴:

(01) aí eu falei – “mas porque você quer ir no banheiro das meninas?” – e aí ele só falava que eu que tinha mandado né?... aí a classe – “NÃO... num é pra ir no banheiro das meninas é que o banheiro dos meninos está quebrado... então quem tiver apertado vai ter que usar o banheiro das meninas” – e aí ele... ficou meio sem graça mas acabou indo ao banheiro... (deu?) ((gravação interrompida)) **então eu posso falar de outro aluno agora?**

Doc.: pode

Inf.: eu vou falar de um aluno que:: eu gosto muito dele... (AC 88, L. 92)

A situação comunicativa proposta na entrevista deve se aproximar da conversação espontânea, porém, é possível detectar o automonitoramento do informante para atender a solicitação do entrevistador. Mais do que isso, o informante procura não deixar dúvidas sobre aquilo que irá falar, o que evidencia a assimetria entre os falantes, pois um deles, o documentador, tem o papel de controlar e direcionar o fala do outro.

Em (01), a marcação dos papéis comunicativos ocorre de forma explícita, recaindo sobre o controle exercido pelo pesquisador/documentador sobre a interação, inclusive no que diz respeito a sua duração. No momento em que o informante julga já ter falado o suficiente, busca confirmar isso com o documentador, por meio da indagação *deu?*, que indica não só a assimetria interacional, mas também o conhecimento do informante, adquirido na preparação

⁴ As entrevistas do Iboruna contam, na transcrição, com a indicação de fatos de ordem fônica, como alongamentos e pausas. Optamos por retirar algumas dessas notações para tornar o texto mais objetivo.



para a entrevista, sobre a necessidade de produzir textos com tamanho compatível aos objetivos e possibilidades do Iboruna.

A partir da notação do transcritor da entrevista, é possível perceber que houve uma pausa, talvez destinada à checagem, por parte do documentador, da quantidade de fala que já se encontrava gravada. Diante da constatação de que era possível gravar mais alguns minutos, o documentador, munido de seu papel de gerenciador da situação, autoriza o informante a continuar. Este, por sua vez, negocia o novo tópico com o documentador, por meio da pergunta *então eu posso falar de outro aluno agora?*

Em outros tipos de interação face-a-face, como na conversação, por exemplo, não há tempo determinado para o início e o fim da comunicação, de modo que nenhum participante mostra-se preocupado em checar se a quantidade de fala é suficiente ou não. Já as negociações de tópico são geralmente menos marcadas, uma vez que, quando há mudança por parte de um interlocutor, o outro automaticamente o acompanha, sinalizando, linguisticamente ou por meio de outros expedientes, a concordância com o novo encaminhamento da situação. Todavia, por se tratar de uma entrevista gerada para fins de pesquisa científica e formulada por dois falantes em uma situação de relativa formalidade, há uma preocupação em ser claro e negociar os tópicos para que não haja possíveis truncamentos e direcionamentos inadequados aos objetivos dessa interação.

É interessante observar, porém, que, nesse caso, o informante acaba por colocar-se no lugar do outro interlocutor, pois, ainda que peça autorização a ele para mudar de tópico, acaba por ser o responsável pelo novo rumo de sua fala, deixando claro que a assimetria desse tipo de interação não é imutável. Ao contrário, as entrevistas de coleta de dados podem apresentar momentos de dinamicidade, operada por meio da iniciativa do entrevistado de ajudar na organização e no direcionamento do discurso conjuntamente produzido.

Outros enunciados metadiscursivos encontrados também se configuram como momentos em que os papéis discursivos dos participantes da entrevista vêm à tona:

(02) Doc.: e assim de quando cê era pequena também cê num:: num tem nada assim que você... algum evento que tenha te marcado?
Inf.: quando criança?... ((pensa por um tempo)) **nossa num consigo me lembrar**
Doc.:**então tá bom** (AC 84, 75)

Em (02), identifica-se o que Marcuschi (1991) chama de “pressão” na interação: o documentador tenta levar o entrevistado a narrar alguma história que lhe tenha acontecido, incentivando-o com exemplos de situações que poderiam suscitar tal narrativa. O entrevistado, por sua vez, não inicia o processo de referenciação tópica, que deveria contar com uma gama de referentes ligados aos temas sugeridos pelo documentador. Ao contrário, os únicos enunciados produzidos são metadiscursivos, por se referirem ao seu próprio fazer discursivo, revelando a impossibilidade do prosseguimento daquele tópico que se iniciaria, já que ele não se lembra de algo que possa se tornar um tópico discursivo.

Diante de tal reação do entrevistado, o pesquisador produz uma expressão cujo conteúdo é uma autorização para o informante não desenvolver um tópico, não tomando para si o turno conversacional que lhe fora destinado. Ambas as expressões (*não consigo lembrar* e *então tá bom*) são exemplares de uma negociação ocorrida no âmbito das interações produzidas para fins de coleta de dados; não a que diz respeito aos tópicos, mas aos ajustes necessários à manutenção da interlocução. Colabora para tal atitude dos interlocutores a



necessidade utilizar a polidez, pois na entrevista “é preciso que haja empatia entre os interlocutores e sua manutenção está diretamente relacionada às estratégias de polidez”. Segundo Leech *apud* Fávero e Andrade (1999), ordenar é um procedimento que entra em conflito com a polidez, portanto o documentador não poderia obrigar o informante a falar quando o último alega não se lembrar de nada, sob o risco de criar uma situação de tensão e inibição, já que a situação comunicativa é pouco natural e frágil em trocas de informações, envolvimento intersubjetivo e conhecimento partilhado (FÁVERO E ANDRADE, 1999).

Enunciados que estampam no texto negociações e acordos que atingem não só a escolha de um tópico ou de uma palavra, mas também a condição a partir da qual cada falante se coloca na situação comunicativa, são tratados por Jubran (2008) sob a ótica dos papéis discursivos assumidos pelos interlocutores na dinâmica da interação verbal, ou os papéis socioinstitucionais de que eles são revestidos, os quais se constituem como o lugar institucionalizado a partir do qual exercem seu discurso.

Já Borilo (1985) vê tais enunciados como atividades metadiscursivas que fazem referência às condições enunciativas do discurso, que carregam a função de garantir uma forma compreensível ao que está sendo dito, incluir o interlocutor no discurso, testar sua compreensão, detectar se o mesmo está em condições de compreender as intervenções do locutor, criar condições para que este interlocutor participe da conversação, instaurar um contato ou mesmo uma convivência entre ambos (p. 53).

Outros dois enunciados são reveladores do controle exercido pelo Documentador nas entrevistas, denotando assimetria, portanto.

(03) (...) tem a minha capelinha também lá que eu fiz no meu quarto
Doc.:peraí **então me explica como que é direitinho...**cê entra no quarto...
Inf.: eu entro no quarto a primeira coisa que eu faço é ligar o som né? eu ligo o som pra poder tá relaxando tal... eu deito e nesse tempo eu fico ouvindo a música descansando fico refletindo o que eu fiz no dia...(AC 74, 260)

(04) eu tenho alguns livros religiosos e... sempre a gente tem que tá renovando as forças e tá rezando... e o lugar que eu gosto muito mesmo é o meu quarto
Doc.:**então... aí eu queria que você me dissesse COMO que é o QUARto assim pra eu imaginar entendeu?** [Inf.: certo] **se ele é grande se é pequeno... se ele tem... como que é a cama como que é o rádio se é... esse ora/ esse lugar que você reza se tem um altarzinho... assim... que você contasse TUDO**
Inf.: meu quarto é pequeno né? logo que você entra assim tem já o guarda roupa do lado direito assim grandão né? enorme assim deve ter um...grandão mesmo ele...a parte dele assim é toda ele ocupa toda a parte da parede... do outro lado assim perto da parede tem o meu som... né? (AC 74, 275)

Os dados acima evidenciam momentos de monitoramento do discurso que está sendo desenvolvido pelo Informante. Em (03), vê-se uma explicitação de interferência do Documentador, com o objetivo de corrigir a maneira como o falante vinha encaminhando seu texto. Em “peraí”, nota-se a necessidade de uma pausa na fala do outro, e em seguida, observa-se uma sequência metadiscursiva, assim definida porque versa sobre a constituição do texto, seus mecanismos de construção, e não sobre o tópico em si (o quarto do Informante). Tal sequência, *então me explica como que é direitinho*, consiste em um redirecionamento efetuado pelo Documentador para que o Informante estruture o tópico com mais cuidado, mais detalhes, já que se trata de uma descrição.



Já em (04), os mesmos participantes estão em uma situação em que o Documentador é ainda mais explícito, solicitando que o outro explique como é o quarto, sendo que a palavra *como*, segundo a transcrição, foi dita mais enfaticamente. Isso se deve ao fato de o enunciado metadiscursivo, assim caracterizado por sair da pauta do tópico *quarto* e passar à pauta das maneiras de constituir o texto, situar-se dentro de uma descrição, em que é importante elencar detalhes do objeto, o que não vinha sendo feito pelo Informante.

Após as correções operadas pelo Documentador, nota-se que o Informante passa a desenvolver com mais adequação o tópico, realizando essa tarefa de acordo com a solicitação do outro, de modo a se constituir como falante adequado à situação de que estava participando.

Conforme Urbano (1988), fica difícil reconhecer nesse tipo de interação um intercâmbio espontâneo e regular de informações entre os participantes. A assimetria manifesta-se, então, por meio das expressões destacadas, que, ditas pelo Documentador, fazem com que o outro reorganize seu discurso, reforçando a diferença de papéis comunicativos reservados a cada um. Se o Documentador, conforme já mostrado, reveste-se do papel de motivar e regular o discurso do outro, cabe ao Informante seguir dentro da linha discursiva prevista e acordada na ocasião da preparação para a coleta dos dados. Decorrem daí as intervenções do primeiro e os redirecionamentos de fala do segundo. Uma aproximação desses dados à classificação de Borillo (1985) possibilitaria considerá-los como referências ao discurso enquanto construção de enunciados, no sentido de que explicitam momentos de montagem de sua estrutura e desenvolvimento.

A peculiaridade da situação de entrevista faz com que, em alguns casos, os envolvidos explicitem não só comentários sobre a constituição dos tópicos ou dos textos como um todo, mas também sobre si mesmos, como instâncias produtoras de texto, localizadas e instituídas linguisticamente e socialmente. Nos casos abaixo, observamos que o entrevistado elabora, metadiscursivamente, uma avaliação de sua habilidade para iniciar ou manter determinado tópico:

(05) Doc.: bom agora eu queria que você falasse um pouquinho sobre a política do nosso país quê que tá achando dessas C.P.I.s...

Inf.: do governo Lula?

Inf.: olha eu num **eu num entendo nada de política eu só vejo mais ou menos o que tá acontecendo porque eu vejo a televisão porque eu leio muito pouco...pouco coisa também eu num interajo muito MUIto com política não...** (AC 87, 415)

(06) Doc.: e a economia?

Inf.: ah **a economia... também num entendo muito...mas eu/ assim a grosso modo** eu acho que ela tá... melhorando ultimamente (AC 83, 390)

(07) Doc.: e a cozinha? a varanda? como que é?

Inf.: a cozinha é não... moderadamente pequena e... não é um lugar que eu gosto de passar muito tempo éh:: **então tenho pouco pra falar...** mas ah tem um armário tem:: éh:: geladeira... fogão... a pia...(AC 83, 205)

Nesses casos, os informantes fazem ressalvas quanto à sua propriedade para falar dos tópicos sugeridos pelos documentadores, por desconhecimento sobre o tema ou por pouca afinidade com ele. Assim, elabora-se uma antecipação ao outro sobre sua competência para desenvolver considerações sobre algo que ele julga que não domina, negociando com o



entrevistador as expectativas que este pode ter sobre sua fala. No momento em que, metadiscursivamente, o Informante discorre sobre si mesmo como produtor daquele texto, busca no outro uma tolerância quanto à possibilidade de seu texto não corresponder, em qualidade ou quantidade, àquilo que se espera dele como contribuição para o Iboruna.

Essas expressões constituem, segundo Jubran (2008), referências às instâncias co-produtoras do texto (locutor e interlocutor), que se marcam no texto a fim de estabelecer condições dialógicas para assegurar o intercâmbio verbal. No caso, há a atribuição de qualificações aos interlocutores para discorrerem sobre o tópico discursivo em curso, especificamente, o informante atribui a si mesmo pouca autoridade para opinar sobre os temas propostos. Assim, diante da possibilidade de cometer algum deslize e ter sua imagem afetada diante do outro, o locutor se adianta, alertando que não poderá falar de maneira muito apropriada sobre a questão.

O enunciado destacado em (08) mostra outra preocupação do Informante:

(08) (...) diz que ele gostava muito de passear... gostava muito de contato com os netos né? e ele sempre... éh menciona essas essas situações...tanto que os meus tios e a minha AVÓ... éh... paterna... eles todos estudaram num colégio interno e eu quando eu era pequena... éh eu ia sempre pra essa fazenda da minha avó e chegava à tarde assim a gente ia pro... pro pomar **já fugi do tema né?** nós íamos pro pomar... e ela me contava as coisas de quando... de como ERA a infância dela... (AC 82, 164)

Nesse caso, o entrevistado está atento não só ao atendimento do tópico solicitado pelo pesquisador, mas também a sua manutenção. A espontaneidade que ocorreria em uma conversação dá lugar ao automonitoramento e ao reconhecimento do outro como instância controladora da interação. O metadiscorso torna, então, evidentes esses cuidados do entrevistado.

Considerações Finais

Caracterizados por referirem-se à própria atividade comunicativa, os enunciados metadiscursivos enfocados nesse artigo têm a peculiaridade de atualizarem no discurso marcas da negociação entre os interlocutores, bastante necessária em uma situação comunicativa de assimetria, como a entrevista. Por se tratar de uma entrevista em que o foco era a própria linguagem, tal assimetria se acentua, o que faz com que o participante mais vulnerável (o entrevistado) negocie minuciosamente aspectos de sua fala.

Diante desses aspectos, reafirma-se a propriedade das expressões metadiscursivas de portarem, além de uma função textual, no sentido de que evidenciam a organização do texto, forte função interacional, uma vez que revelam a apreciação do falante sobre seu próprio desempenho linguístico e sobre a situação comunicativa como um todo.

Portanto, as especificidades linguísticas e sociais das interações que se estabelecem nas entrevistas destinadas à obtenção dos dados do Iboruna encontram-se estampadas na superfície dos textos, sendo que a assimetria interacional é um fator que promove e, ao mesmo tempo, tipifica as expressões metadiscursivas.

REFERÊNCIAS



ANDRADE, M. L. C. V. O.; FÁVERO, L. L. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, D. (org.) *Estudos de língua falada: variação e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 153-177.

BARROS, D. L. P. Entrevista: Texto e conversação. *Anais do XXXIX Seminário do GEL*. Franca: Unifran, 1991, p. 254-261.

BORILLO, A. Discours ou Metadiscours? *DRLAV Revue de linguistique* (32). Paris: Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, 1985, p. 91-151.

CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre a constituição de um banco de dados de língua falada. In: TAGNIN, E.; VALE, O. A. (Org.). *Avanços da Linguística de corpus no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Humanitas, 2008, v. 1, p. 217-245.

_____. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

_____. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para seu estudo*. Projeto de Pesquisa. São José do Rio Preto. Unesp/FAPESP: 2003.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 4. ed. Tradução Isidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

JUBRAN, C. C. A. S. O metadiscorso entre parênteses. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 293-303, set.-dez. 2009. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_23.pdf.

_____. Modalidades de metadiscorso em cartas e artigos científicos. In: XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL), 2008, Montevideo - Uruguai. *Actas del XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*. Montevideo: Universidad de la República, 2008.

_____. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A.T.; MORAIS, M.A.T.; LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas; São Paulo: Pontes; FAPESP, 2007.

_____. Introdução – A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, vol. I, 2006, p. 27-36.

JUBRAN, C. C. A. S. A emergência da referenciação metadiscursiva em textos falados e escritos. In: XIV Congreso Internacional de ALFAL, 2005, Monterrey - México. *Memorias del XIV Congreso Internacional de la ALFAL*. Monterrey - México: Universidad de Nuevo León, 2005a. v. 1. p. 167-175.

_____. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: Ingedore Koch; Edwiges Morato; Anna Christina Bentes. (Org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005b, p. 219-241.



_____. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Vol 44. Campinas: Unicamp, 2003, p. 93-103.

LIMA, F. F. *Metadiscursividade e persuasão em entrevistas com candidatos à Prefeitura de São Paulo*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARCUSCHI, L. A. KOCH, I. G. V., Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S., KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol I. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1991.

MONDADA, L, DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

RISSO, M. S.; JUBRAN, C. C. A. S. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. *DELTA*, v.14, especial, 1998, p. 227-242.

SILVA, G. M. O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 7ed. São Paulo: Ática, 2003.

URBANO, H., PRETI, D. (orgs.). *A linguagem culta na cidade de São Paulo*. Vol. III. Diálogos entre informante e documentador. São Paulo: T. A., 1988.

Recebido em 09/05/2017
Aprovado em 24/11/2017